

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

NATÁLIA MARTINS DOS SANTOS JOHANN

**A REPRESENTAÇÃO DO GAÚCHO NOS LIVROS DIDÁTICOS: A INFLUÊNCIA
DO TRADICIONALISMO NA EDUCAÇÃO**

PORTO ALEGRE

2019

NATÁLIA MARTINS DOS SANTOS JOHANN

**A REPRESENTAÇÃO DO GAÚCHO NOS LIVROS DIDÁTICOS: A INFLUÊNCIA
DO TRADICIONALISMO NA EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Geografia como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Geografia

Orientação: Prof. Dr. Luiz Fernando
Mazzini Fontoura

PORTO ALEGRE

2019

NATÁLIA MARTINS DOS SANTOS JOHANN

**A REPRESENTAÇÃO DO GAÚCHO NOS LIVROS DIDÁTICOS: A INFLUÊNCIA
DO TRADICIONALISMO NA EDUCAÇÃO**

Aprovado em: 11/12/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Fernando Mazzini Fontoura – Orientador

Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich

Prof. Dr. Mário Leal Lahorgue

CIP - Catalogação na Publicação

Johann, Natália Martins dos Santos
A REPRESENTAÇÃO DO GAÚCHO NOS LIVROS DIDÁTICOS: A
INFLUÊNCIA DO TRADICIONALISMO NA EDUCAÇÃO / Natália
Martins dos Santos Johann. -- 2019.
52 f.
Orientador: Luiz Fernando Mazzini Fontoura.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto
Alegre, BR-RS, 2019.

1. Ensino de Geografia. 2. Gaúcho. 3. Livro
Didático. 4. Tradicionalismo. I. Fontoura, Luiz
Fernando Mazzini, orient. II. Título.

Ao meu avô, Adão Pereira Martins (in memoriam),
graças ao teu acreditar na educação,
hoje há mais uma neta professora.

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento inicial ocorre a Deus, por ser refúgio nas horas de angústia e me proporcionar relações que me fizeram chegar até aqui.

Aos meus pais, Jeane e Luís, pelas orações, amor, paciência e toda ajuda financeira. Obrigado por confiarem em mim. Ao meu esposo Thiago, por todo apoio e tempo dedicados a mim durante todo o curso.

As minhas colegas Tamiris e a Mariana, pela amizade, confissões, alegrias, choros e lanches divididos. Agradeço ao Felipe e ao Bruno, por terem sido minha dupla/grupo de trabalhos e aguentar minhas ansiedades. Ao Lucas, por ter me apoiado sempre que necessário e me dizer verdades preciosas. Ao William e Davis por me auxiliarem com ótimas explicações no início do curso. Ao Finato, Daniel, Miguel e Chico, pelas risadas. A colega Dayara pelas caronas e desabafos. Aos meus colegas do LABMODEL e do NEAG pelo apoio, especialmente ao colega Northon pela tradução do resumo. Além disso, a todos aqueles colegas e professores que me acompanharam nesses cinco anos de curso e contribuíram para a minha formação docente.

Agradeço imensamente ao Orientador deste trabalho, Prof. Dr. Luiz Fernando Mazzini Fontoura, pelo acolhimento, tempo dedicado a prática, correções e principalmente ao incentivo. A Prof. Dra. Flávia Farina, orientadora de monitoria pelo aprendizado construído, carinho e compreensão.

Também, agradeço as Escolas da Rede Municipal de Portão, EMEF Antônio José de Fraga, EMEF Rosalino Rodrigues Coelho, EMEF Santo Antônio e EMEF Visconde de Mauá, pelo empréstimo dos livros pertinentes a esse trabalho.

RESUMO

Considerando a influência do Tradicionalismo Gaúcho na vida dos habitantes do Rio Grande do Sul, e o fato da Unidade Federativa da escola ser uma das habilidades a ser conquistada no 5º ano do Ensino Fundamental, esse trabalho tem como finalidade analisar a figura do gaúcho presente nos Livros Didáticos do 5º ano do Ensino Fundamental, averiguando que cultura do Estado do Rio Grande do Sul é ensinada a partir dessas obras. Deste modo, além da análise dos Livros Didáticos, é conhecer a Base Nacional Comum Curricular e do Programa Nacional do Livro Didático, e de como essas políticas se constituíram, além da construção da figura do gaúcho. Os resultados indicaram a forte presença da figura do Gaúcho nos Livros Regionais, e a ausência de estudos sobre o Estado do Rio Grande do Sul no PNLD de 2019.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Gaúcho. Livro didático. Tradicionalismo

ABSTRACT

Considering the influence of the Gaucho Traditionalism on Rio Grande do Sul inhabitants, and also considering the fact that the Federative Unity instruct the children with the Gaucho culture since the fifth grade, this research have the finality to analyse the character present on these books, verifying the taught of Rio Grande do Sul state culture, based on these specific literature. So, beyond all these analysis, it's possible to know the BNCC and PNLD, and how RS culture were structured within the Gaucho Character. The results show a strong presence of Gaucho's figure on REGIONAL BOOKS, but, we also could see the absence of RS studies and the Gaucho culture on NATIONAL BOOKS PNLD 2019.

Key words: Geography Teaching, Gaúcho, Textbook. Traditionalism

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Resultados de busca pelo termo “Gaúcho”	21
Figura 2 - Competências Gerais da Educação Básica pela BNCC	27
Figura 3 - Competências do 5º ano do Ensino Fundamental	28
Figura 4 - Capa do Livro Didático Conhecendo o Rio Grande do Sul	35
Figura 5 - Apresentação do Livro “Conhecendo o Rio Grande do Sul”	36
Figura 6 - Capa do Livro Didático Rio Grande do Sul	38
Figura 7 - Paisagem Carioca e Paulistana no Livro Didático “Rio Grande do Sul”	39
Figura 8 - Paisagens do Rio Grande do Sul no Livro Didático “Rio Grande do Sul	39
Figura 9 - Figura 9: Trabalho em grupo após o texto explicando o termo “gaúcho” no Livro Didático “Rio Grande do Sul”, 2010	40
Figura 10 - Capa do Livro Geografia do Rio Grande do Sul	41
Figura 11- Imagem intitulada Gente Gaúcha, no Livro Didático Geografia do Rio Grande do Sul	41
Figura 12- Definição de Gaúcho segundo Érico Veríssimo, presente no Livro Geografia do Rio Grande do Sul	42
Figura 13- Capa do Livro Didático Rio Grande do Sul: Geografia, História, Arte e Cultura	43
Figura 14 - Apresentação do Livro Didático Rio Grande do Sul: Geografia, História, Arte e Cultura, 2016.	44
Figura 15 - - Paisagem Carioca e Paisagem Baiana no Livro Didático Rio Grande do Sul	45
Figura 16- Paisagens do Rio Grande do Sul no Livro Didático Rio Grande do Sul: Geografia, História, Arte e Cultura	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A Unidade Federativa nos conteúdos do 5º ano do Fundamental	14
Quadro 2 – Orçamento do PNLD 2019	31
Quadro 3 – Livros Regionais	34
Quadro 4- Livros de Geografia do PNLD 2019	35
Quadro 5- Capítulos dos Livros que apresentam o Estado do Rio Grande do Sul	46

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular
Colted – Comissão do Livro Técnico e Livro Didático
CTG – Centro de Tradições Gaúchas
INL – Instituto Nacional do Livro
FAE – Fundação de Assistência ao Estudante
Fename - Fundação Nacional do Material Escolar
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LDBN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério de Educação e Cultura
MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho
OEA – Organização dos Estados Americanos
Plidef – Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental
PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola
PNLD – Programa Nacional do Livro Didático
PNLDEM – Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio
USAID – Agência Norte-Americana para desenvolvimento nacional

SUMÁRIO

1. Introdução	13
2. Pensar o Gaúcho	16
2.1 Ser gaúcho, nem sempre motivo de orgulho	16
2.2 O Tradicionalismo Gaúcho e a crescente Nativista	18
2.3 O Gaúcho na Atualidade	20
3. O Tradicionalismo e a Educação	22
4. Educação brasileira, um longo caminho até aqui	24
4.1 A Base Nacional Comum Curricular	26
5. O Plano Nacional do Livro Didático	29
5.1 O Livro Didático de Geografia no 5º do Ensino Fundamental	31
6. Análise os Livros Didáticos	34
6.1 Os Livros Regionais	35
6.2 Livros de Geografia do PNLD 2019	46
7. Conclusões	48
8. Referências	50

1. Introdução

Este, é um trabalho de Conclusão de Curso, mas também é a conclusão de uma etapa da vida, e de esclarecimentos de questões que me afligem ao longo do tempo e do curso.

No segundo semestre do curso de Licenciatura em Geografia, dei início a um estágio não obrigatório e remunerado na Escola Municipal de Educação Infantil Pingo de Gente, no meu município de origem, Portão. Mesmo tendo cursado o Normal em Nível Médio anteriormente, minha experiência com a Educação Infantil era basicamente nula, e com a condição de um relatório de estágio que unisse a Educação Infantil e a Geografia, minhas práticas se davam em meio a observações e trocas de fraldas com meus alunos de dois e três anos. No mês de setembro, segundo mês de estágio, o Cronograma das atividades da Semana Farroupilha foi disposto na Sala dos Professores, e o planejamento das professoras titulares também se dedicava ao tema. “O que o gaúcho come no final de semana?” Essa foi a pergunta que iniciou a conversa na rodinha de crianças dispostas no tapete da sala, atividade que daria início para a pintura e colagem do desenho de uma cuia de chimarrão e do churrasco. “O que o gaúcho come no final de semana?” à pergunta seguiu-se de silêncio, questionamos novamente as crianças, “O que vocês comem de almoço no final de semana, quando não estão aqui na escola?” Lasanha, massinha, frango, essa foram alguma das respostas que os alunos nos deram. Churrasco, a resposta aguardada, o prato típico do gaúcho, não apareceu, o que apareceu foram as dúvidas que retrato nesse trabalho, sendo a principal: qual a cultura do Estado do Rio Grande do Sul é trabalhada com as crianças?

Minhas inquietações sobre esse assunto já derivaram dos Estágios do Curso Normal, que em aulas ao 4º ano do Ensino Fundamental eram interrompidas por representantes de CTGs, trazendo um pouco da ‘cultura gaúcha’, e nas aulas do 5º ano do Ensino Fundamental, em que o Livro Didático de Geografia era intitulado “Geografia do Rio Grande do Sul”, contendo aspectos específicos da cultura Sul-riograndense. Essa inquietação já havia sido relatada por mim em um dos trabalhos da extinta disciplina de Preparação à docência em Geografia: Estudo de caso para a Gestão Pedagógica, que na vez deveríamos escolher um tema e analisar nos Livros

Didáticos, o tema por mim escolhido foi “gaúcho”. Gaúcho, naquele momento trazido por mim como habitante do estado do Rio Grande do Sul.

No oitavo semestre, na disciplina de Geografia do Rio Grande do Sul, com uma nova visão da nomenclatura gaúcho, comecei a questionar ainda mais as experiências pedagógicas vistas e vividas.

Durante os estágios docentes III e IV, a figura do Livro Didático reapareceu, como fonte, apoio e complementação para as aulas. Das 18 horas/aulas de observações realizadas nas disciplinas de estágio, o Livro Didático foi utilizado. Mesmo com as tecnologias atuais, o Livro Didático se faz presente.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é investigar como o Tradicionalismo Gaúcho é apresentada na infância dentro das aulas de Geografia, desse modo, o trabalho será dividido em primeiramente a análise da figura do Gaúcho, como ele se constituiu ao longo da história, o pensamento dos tradicionalistas sobre a educação, em sequência um breve resumo da Educação Brasileira, após a Política Nacional do Livro Didático; concluindo com a análise, como recorte, os Livros didáticos do 5º do Ensino Fundamental, presentes dentro do Plano Nacional do Livro Didático. Foram escolhidos do 5º ano, por esse ser o ano que na Base Nacional Comum Curricular apresenta a Unidade da Federação como habilidade a ser trabalhada, como disposto no quadro abaixo:

Quadro 1: A Unidade Federativa nos conteúdos do 5º ano do Fundamental

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade
O sujeito e seu lugar no mundo	Dinâmica populacional	(EF05GE01) descrever e analisar dinâmicas populacionais na Unidade da Federação em que vive, estabelecendo relações entre migrações e condições de infraestrutura.
	Diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais	(EF05GE02) identificar diferenças étnico-raciais e étnicas-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular, 2019. Elaborado pela autora

Este trabalho apresenta como objetivos específicos:

- a) realizar a construção histórica do termo gaúcho;
- b) analisar o pensamento dos tradicionalistas quanto à educação;
- c) apresentar a base de ensino presente no Brasil e a política dos Livros Didáticos;
- d) constatar a presença do tradicionalismo gaúcho nos Livros Didáticos;

2. Pensar o Gaúcho

A identificação gaúcha é retratada principalmente pelo Telurismo, na crença que o solo do Rio Grande do Sul proporciona características ímpares sobre o caráter, índole, costumes das pessoas. Esse telurismo, esse amor do gaúcho pelo seu território é expresso em letras de música, que nos identificam dentro e fora dos limites do estado, como Querência Amada de Teixeira, Céu, Sol, Sul, Terra e Cor de Leonardo.

A diferenciação e o amor pelo território já eram percebidos desde os anos de 1820, o telurismo e a diferença cultural eram perceptíveis pelos viajantes, como retrata Saint-Hilaire (1822):

Tenho já observado, muitas vezes, que os mineiros não têm muito apego à terra natal. Com efeito, nenhum hábito particular aí os prende, e não se preocupam em melhorar suas condições. [...]. Os habitantes desta Capitania, ao contrário, nunca emigram, porque sabem que alhures serão obrigados a renunciar ao hábito de andar constantemente a cavalo e, em parte alguma, encontrarão carne em tamanha abundância. (Auguste Saint-Hilaire, 1822, pág. 122).

2.1 Ser gaúcho, nem sempre motivo de orgulho

Ser chamado de gaúcho é para muitos, motivo de orgulho, mas o histórico nos mostra que nem sempre esse título foi visto como algo positivo. No princípio, Gaúcho era o nome dado aos filhos de mulheres indígenas com os colonizadores, aos índios que restaram em solo rio-grandense, após o fim das Missões jesuíticas, nome dados aos desertores dos quartéis, aos vagos. O título de gaúcho a esses homens era concebido pelo modo de vida deles, sem preocupações, sem posses, vivendo despreocupadamente, uma vida de baderna de gáudio, vista com desgosto pelos estancieiros, que tinham seu gado roubado. Devido a esse *gáudio*, os espanhóis chamaram primeiramente de *gaudérios*, após *Gauches*. “*Gauches* - palavra espanhola usada neste país para designar os vagabundos ou ladrões do campo que matam os touros chimarrões, tiram-lhe o couro e vão vender ocultamente nas povoações”. (SALDANHA apud LESSA, 1985, p. 24).

O Gaúcho/gaudério era o ladrão do campo, o rebelde, que com a divisão de terras e as colonizações foi perdendo sua liberdade e tornando-se peão dos estancieiros, com distanciamento entre os galpões onde habitavam, da casa sede dos

donos da terra. Com a Revolução Farroupilha, as famílias estancieiras aproximaram-se das famílias dos peões, as façanhas e derrotas da guerra ligaram o povo Rio-Grandense. Ainda assim, dentro do Rio Grande do Sul, as façanhas e os heróis farroupilhas não eram lembrados, nada poderia questionar o então poder monárquico. Fora do Rio Grande do Sul, era enaltecido o fato de um povo, estancieiros, peões, escravos, que lutaram unidos a um ideal.

Mesmo com o povo mais unido, ser chamado de gaúcho ainda não era motivo de orgulho para ninguém. Houveram fortes tentativas dentro da província, com o ideal de que os excluídos tivessem um lugar para divertir-se e celebrar as memórias e grandiosidades da sua terra. Em 1898, na cidade de Porto Alegre foi criado o Grêmio Gaúcho, por João Cezimbra Jacques. No ano seguinte, em Pelotas, Simões Lopes Neto funda a União Gaúcha. Essas sociedades não foram bem vistas pela elite, e a difusão do conceito de gaúcho era impossibilitado pelos escassos meios de comunicação e pela falta de alfabetização das classes mais baixas. Mesmo com a divulgação por Simões Lopes Neto de obras intituladas como gaúchas, dentro do estado não eram bem vistas, pois para o povo, o gaúcho ainda era visto como um termo pejorativo. Mais do que isso, o gaúcho era um termo distante dos moradores das cidades. O gaúcho estava em uma realidade distante, era o homem bruto e primitivo do campo, que nada se assemelhava com o status que os homens da cidade buscavam alcançar. Toscano, em 1912, se fez anunciador da não aceitação a esse termo:

Os membros dos clubes gaúchos que existem no Estado, são todos os homens da cidade, muito bem-educados, vivem de profissões sedentárias trajam como toda a gente a europeia, comem à mesa em pratos sobre toalha adamacada, e servem--se para essa delicada operação de todos os requintes e comodidades em voga. Não revivem, portanto, uma tradição que nunca existiu, que é falsa, porque agora, como em todos os tempos e em todos os lugares do interior, só se dão as canseiras do campo os campeiros, os peões, homens rudes, que fizeram aprendizagem para tal fim. (TOSCANO apud LESSA, 1985, p. 46).

Nos anos 20, a aceitação ao termo gaúcho foi acontecendo “Ao findarem as guerras e os campos sem fronteiras, quando este personagem errante fixou-se na estância, o mesmo termo passou a designar o peão, especialmente quando hábil nas lides do campo” (SANTI, 2004, pág. 18).

Augusto Meyer, em 1957 realizou o histórico de mudança do termo Gaúcho:

Para os capitães -gerais ou autoridades e primeiros proprietários de terra - ladrão, vagabundo, contrabandista, coureador; para os capitães de milícias e comandantes de tropas empenhadas em guerras de fronteira - bombeiro,

chasque, vedeta, isca para o inimigo, bom auxiliar para o município e remonta; nas guerras de independência do Prata, ou nas campanhas do sul - lanceiro, miliciano; a contar de certo momento histórico, no Rio Grande do Sul, para o homem da cidade - o trabalhador rural, o homem afeito aos serviços do pastoreio, o peão de estância, o agregado, o campeiro, o habitante da campanha; na poesia popular um sinônimo de bom ginete, campeiro destro, com tendência para identificar-se com os termos guasca, monarca; e finalmente, para todos nós, um nome gentílico, exemplo de carioca, barriga-verde, capixaba, fluminense. (MEYER, 1957, pág. 35).

2.2 O Tradicionalismo Gaúcho e a crescente Nativista

No Brasil, configurava-se um crescente nacionalismo desde os anos 20, centralizando e sufocando os regionalismos. A escolarização já se dava mais amplamente, mas quem tinha mais acesso ao estudo ainda eram as classes mais altas. Ainda nos anos 40, jovens vinham a Porto Alegre buscar os estudos mais avançados. Assim se deu no Colégio Júlio de Castilhos, a formação e união desses jovens do interior, que se sentem sufocados com a vida na cidade, com saudade do campo.

Em abril de 1948 ocorre à fundação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, nomeado 35°CTG, com a presença de figuras que atualmente apresentam grande importância na história Sul-Rio-Grandense como Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, com a ideia de zelar pelas tradições gaúchas. Mas quais tradições? Conforme Lessa (1985):

História é uma ciência social muito séria, e não éramos historiadores; História não se inventa. Folclore é uma ciência social muito séria, e não éramos folcloristas; e Folclore não se inventa. Antropologia é uma ciência social muito séria, e não eram os antropólogos; e Antropologia não se inventa. Mas éramos Tradicionalistas. (LESSA, 1985, pág. 64)

Tradição se inventa? Tradição vem do Latim *traditio*, no sentido de 'ação de dar; entrega, ensino. Definem como Tradição Inventada Hobsbawn e Ranger (1984):

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM; RANGER; 1984, pág. 10)

E assim se fez, “Quando algum elemento faltasse para a nossa ação, nós teríamos de suprir a lacuna de um jeito ou outro.” (LESSA, 1985, pág. 64). Aspectos históricos e histórias contadas em torno do fogo de chão foram criando os aspectos presentes até hoje no Tradicionalismo Gaúcho. As roupas tradicionais foram

chamadas de pilchas (palavra essa que significava ‘estar com dinheiro’), as lendas inspiradas nos textos de Simões Lopes Neto e Augusto Meyer, e a música tradicional gaúcha teve espaço para surgir. Claro, sempre com aspectos históricos, para justificar cada criação “Isso porque toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal” (HOBSBAWM e RANGER, 1984, pág. 21).

Em 1961, durante o VIII Congresso Tradicionalista, foi aprovada a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), carta esta que está em vigor até os dias atuais. A carta, escrita por Glaucus Saraiva da Fonseca (poeta tradicionalista e professor), apresenta em seus três primeiros incisos/princípios a função do Tradicionalismo:

I- Auxiliar o Estado na solução dos seus problemas fundamentais e na conquista do bem coletivo.

II - Cultuar e difundir nossa História, nossa formação social, nosso folclore, enfim, nossa Tradição, como substância basilar da nacionalidade.

III - Promover, no meio do nosso povo, uma retomada de consciência dos valores morais do gaúcho. (MTG, 1961, pág. 1)

Nos anos 80, a Califórnia da Canção reacende o telurismo gaúcho, com músicas gaúchas exaltando as terras Sul-Riograndenses, sua história e cultura. Quem criou o nome do festival talvez não tenha tido a percepção que dali surgia um novo movimento: o Nativismo. O Poeta e Jornalista Paulo de Freitas Mendonça, diretor do Jornal do Nativismo, apresenta essa divisão cultural do Rio Grande do Sul em seu livro Pajador do Brasil, texto esse que está incluso também no site do MTG:

Assim é a cultura do Rio Grande do Sul, composta por dois movimentos distintos, mas iguais. Há o tradicionalista que não compreende ou não gosta do nativismo e o nativista que não entende ou não aprecia os rituais do tradicionalismo. [...] O tradicionalismo gaúcho é um movimento organizado com uma estrutura hierárquica rígida e um mapeamento do Estado. O nativismo gaúcho não é uma entidade e sim um movimento cultural cuja união está na identificação pessoal e na semelhança de produção artística de seus membros. (MENDONÇA,2009)

O Nativismo, vertente do Tradicionalismo, apresenta um rigor menor em suas práticas, a pilcha clássica sede espaço para as alpargatas, bombachas ajustadas, lenço com ar despojado ao pescoço; na música, a gaita, o tambor e o violão são acrescentados ao baixo e bateria. Para Antônio Augusto da Silva Fagundes, ou, como é conhecido, Nico Fagundes, grande compositor de músicas gaúchas “Nativismo é o

amor que a pessoa tem pelo chão que nasceu, onde é nato” (FAGUNDES, 1997, pág 38).

2.3 O Gaúcho na Atualidade

Tradicionalista, Nativista, ou “de Apartamento”, não importa o tipo, a figura do Gaúcho virou a nomenclatura pro nascido no Estado do Rio Grande do Sul, e talvez fosse realmente o mais simples, conceituar o gaúcho, como aquele nascido em terras Sul-Riograndenses, mas isso é negligenciar os milhares de migrantes e filhos de migrantes que, saídos do Rio Grande do Sul, levaram a representação do gaúcho para os outros estados brasileiros, seria negligenciar 40% dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) localizados fora dos limites territoriais do Estado do Rio Grande do Sul.

Neste ano de 2019, uma música de 2001 surge com incrível sucesso no Rio Grande do Sul, as redes sociais são tomadas de vídeos que vão de crianças a gaiteiros renomados cantando a música Do Fundo da Grota, do cantor Baitaca:

Fui criado na campanha/ Em rancho de barro e capim/ Por isso é que eu canto assim/ Pra relebrá meu passado/ Eu me criei arremendado/ Dormindo pelos galpão/ Perto de um fogo de chão/ Com os cabelo enfumaçado (BAITACA, 2001)

Apesar de grande sucesso, a música relembra um passado inexistente para a maioria dos habitantes do Rio Grande do Sul, que conta com sua maior parte da população urbanizada. Com um passado fantasiado e carregado de orgulho segue o gaúcho.

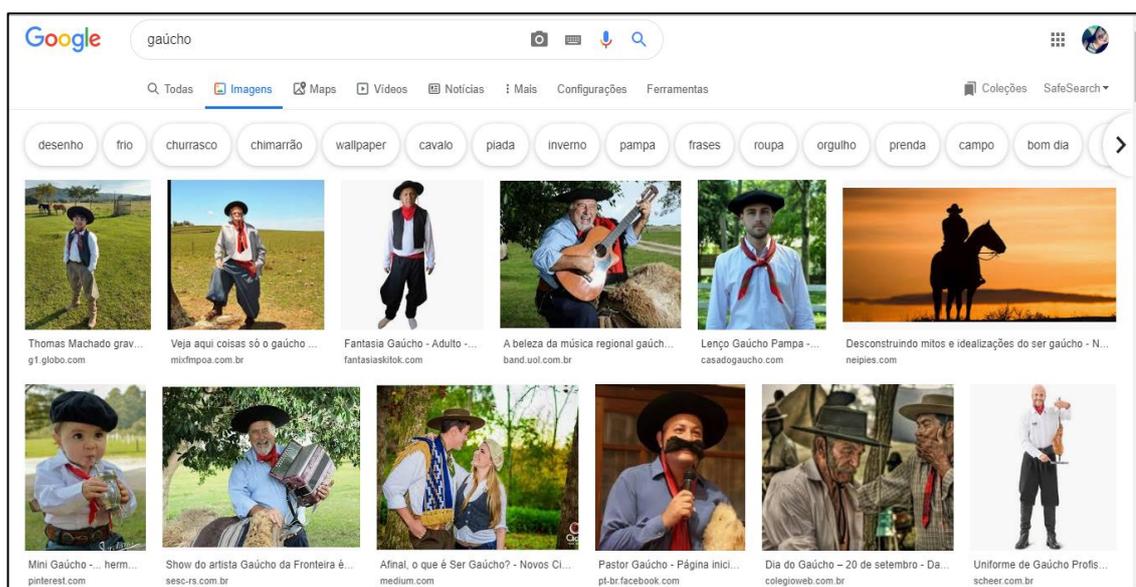


Figura 1: Resultados de busca pelo termo “Gaúcho”.

Em uma simples pesquisa de imagem no buscador Google, o termo gaúcho acompanha a pilcha completa, o violão, cavalo, chimarrão, gaita, e o churrasco. Mesmo com a história mudando, a tradição gaúcha segue firme nas suas características.

Embora seja de meu conhecimento, diversos CTGs e pessoas atuantes dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho, as questões sobre o Tradicionalismo na atualidade fogem do tema deste trabalho.

3. O Tradicionalismo e a Educação

Por parte da monarquia, não havia interesse na escolarização da população brasileira, a formação superior só se sucedia em Coimbra (Portugal), apenas no ano de 1828 que surge o primeiro Curso Jurídico em São Paulo, e a primeira Escola em Nível Normal, para formação de professores, só apareceu no país no ano de 1868.

No Rio Grande do Sul aconteceu ainda mais lentamente o processo de escolarização da sociedade: para trabalhar no campo, não era necessário letramento algum. A educação era essencial apenas para a elite e a promoção pela monarquia do ensino básico e secundário era precário. A população era dividida entre a minoria rica e letrada e a maioria pobre e sem escolarização. A sabedoria popular versus a sabedoria das cartilhas portuguesas.

Com a instalação da República, a educação seguia os moldes das cartilhas portuguesas, e uma reforma era necessária. A Constituição de 1934 trouxe melhorias para a educação, ao governo nacionalista de Getúlio Vargas, sufocando os regionalismos. A Lei de Diretrizes e Bases de 1961 também não apresentou o estudo dos regionalismos em nenhum de seus capítulos. Era momento de fortalecer ainda mais o Estado brasileiro.

Barbosa Lessa, em sua tese que rege o MTG, "O Sentido e o Valor do Tradicionalismo", expressa sua preocupação com a educação:

Deve, o Tradicionalismo, operar com intensidade no setor infantil ou educacional, para que o movimento tradicionalista não desapareça com a nossa geração. Porque nós - os tradicionalistas de primeira arrancada - entramos para os Centros de Tradições Gaúchas movidos pela necessidade psicológica de encontrar o "grupo local" que havíamos perdido ou que tínhamos perder. Mas as gerações novas não chegaram a conhecer o grupo local como unidade social autêntica, e somente seguirão nossos passos por força de impulsos que a educação lhes ministrará. Por isso não temo afirmar que o dia mais glorioso para o movimento tradicionalista será aquele em que a classe de Professores Primários do Rio Grande do Sul - consciente do sentido profundo desse gesto, e não por simples atitude de simpatia - oferecer seu decisivo apoio a esta campanha cultural. Aliás, não se concebe que as Escolas Primárias continuem por mais tempo apartadas do movimento tradicionalista. Pois a maneira mais segura de garantir à criança o seu ajustamento à sociedade é precisamente fazer com que ela receba, de modo intenso, aquela massa de hábitos, valores, associações e reações emocionais - o patrimônio tradicional, em suma - imprescindíveis para que o indivíduo se integre eficientemente na cultura comum. (LESSA, 1954, pág. 6)

O tema educação e a preocupação com a juventude, foi tema de diversos trabalhos apresentados em Congressos tradicionalistas:

- 1954: O Tradicionalismo como força educativa – de Hugo Ramirez
O Sentido e o Valor do Tradicionalismo – De Barbosa Lessa
As danças folclóricas e a educação – Eloah Loyre Brum
- 1955: O tradicionalismo e as novas gerações – Thereza de Almeida
- 1987: Criação da Comissão Provisória de Jovem - proposta de João Paulo e Rosângela Moraes
- 1989: Criação do Departamento Jovem

Para Lessa, o Tradicionalismo possuía papel importante na educação, mas a reforma da mesma era função do professor. No ano de 1985, Lessa conclui seu livro com uma crítica esperançosa na educação gaúcha:

Os polos culturais do interior elaborem em seus próprios manuais de alfabetização, a partir da realidade local e não da realidade dos compêndios paulistas e cariocas. E então provavelmente o folclore deixe de ser uma disciplina autônoma e exótica mas passe a formar o substrato inicial de todas as disciplinas de primeiro grau partindo do que o aluno já conhece e encontra em sua comunidade. [...] mas para isso é preciso um pouco de coragem a coragem do pedagogo olhar cara a cara o seu povo. (LESSA, 1985, págs. 116 e 117).

Trabalhar com a realidade do aluno é o assunto discutido nos cursos de formação de professores em todo o país. A Unidade Federativa é conteúdo firmado na Base Comum Curricular Nacional. Teria então os almejos de Barbosa Lessa sido alcançados?

4. Educação brasileira, um longo caminho até aqui

Desde a o período colonial, a educação brasileira está em constante mudança. Iniciando com os Jesuítas e com o baixo interesse da Coroa Portuguesa na Educação Brasileira, como citado no capítulo anterior.

Nossa Independência de Portugal ocorreu em 7 de setembro de 1822, mas apenas em 1827 Dom Pedro I sancionou a primeira lei brasileira que tratava da educação, que em seu Artigo 1º declarava que “Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessárias”, lei está também que já estabelecia em seu artigo 6º o que seria ministrado em aula. Assim seguiu-se por todo Século XIX, com a lei declarando a necessidade das escolas, mas não estabelecendo a qualidade das mesmas nem a obrigatoriedade do ensino.

Apenas em 1920, com Anísio Teixeira e o movimento Escola Nova que procurou modificar o ensino principalmente para as classes baixas da sociedade.

Com a Constituição de 1934, com forte ideal nacionalista, há o primeiro capítulo destinado à Educação, esta como um direito de todos como apresenta o Artigo a seguir:

Art. 149 - A educação é direito de todos e deve ser ministrada, pela família e pelos Poderes Públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no País, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana. (BRASIL, 1934, art. 149)

Em 1961, é firmada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), trazendo a educação como direito de todos e podendo ser ministrada tanto na escola quando em casa. Além disso, a LDB de 61 dividiu o ensino em etapas:

- Educação Pré-primária aos menores de sete anos, organizada pela iniciativa pública junto às empresas que possuíam mulheres mães de crianças nesta idade;
- Ensino Primário: com quatro séries, obrigatório a partir dos 7 anos e ministrado em Língua Portuguesa;
- Ensino Médio em dois ciclos (ginasial e colegial) abrangendo, os cursos secundários, os cursos técnicos e formação no Magistério para os que desejam ser professores do Pré-Primário e do Ensino Primário.

A segunda LDB vigente no país data de 1971, em pleno Regime Militar, onde o Ensino Técnico para o trabalho era visto como motor ao país, algo já explícito desde seu Artigo 1º:

Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania. (BRASIL, 1971, art. 1)

Essa reforma apresentada pela LDB DE 1971 no Ensino Técnico, está de volta, remodelada, desde 2017, como nos apresenta o portal de notícias do Senado Federal:

O Senado aprovou e a Presidência da República sancionou uma reforma no ensino médio que amplia a carga horária dos alunos e permite que eles próprios escolham uma parte das disciplinas que vão cursar. Não é a primeira vez que o ensino médio é reformulado[...] em 1971, o governo militar instituiu a Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus, depois de tramitação sumária no Congresso. A Lei 5.692 mudou a organização do ensino no Brasil. Numa alteração radical, o 2º grau passou a ter como principal objetivo a profissionalização. Em curto e médio prazos, todas as escolas públicas e privadas desse nível deveriam tornar-se profissionalizantes. Elas teriam que escolher os cursos que ofereceriam, dentre mais de 100 habilitações, que incluíam formações variadas como auxiliar de escritório ou de enfermagem e técnico em edificações, contabilidade ou agropecuária. (SENADO FEDERAL, 2017)

A terceira e atual LDB é datada do ano de 1996, sob registro Lei nº9394/96, regulamenta o ensino público e privado brasileiro, afirma o direito à educação, e mesmo tendo sido escrita durante o mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso, o ensino técnico para o trabalho, de modo similar aos moldes militares, ainda é evidente como mostra o artigo 2º da LDB Lei 9394/96:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996, art., 2)

A maior diferença da LDB de 61 para a LDB de 96 é a estruturação das etapas da educação que passa a contar com dois níveis: a educação básica e o ensino superior. A Educação Básica, alvo de estudo deste trabalho, por sua vez, é dividida em três ciclos:

- Educação Infantil, de competência dos municípios
 - Creches de 4 meses a 3 anos e 11 meses, gratuita, mas não obrigatória
 - Pré-escolas de 4 anos a 5 anos e 11 meses gratuita, mas não obrigatória. É de competência dos municípios.

- Ensino Fundamental, de competência dos municípios, obrigatório e gratuito
 - Anos iniciais, correspondendo do 1º ao 5º ano
 - Anos finais, correspondendo do 6º ao 9º ano
- Ensino Médio, corresponde ao antigo 2º grau, é dividido do 1º ao 3º ano, os estados a tem como sua responsabilidade. Pode incluir o Ensino Técnico.

Essa divisão corresponderá ao planejamento de Políticas Educacionais, entre elas o Plano Nacional do Livro Didático e Material Didático que veremos no próximo capítulo.

4.1 A Base Nacional Comum Curricular

Uma das definições da LDB é o dever de uma Base para estabelecer um sistema de currículo igualitário para a Educação Básica em todas as escolas do Brasil, tanto as públicas quanto as privadas.

Na data de 20 de dezembro de 2017 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi homologada pelo então ministro da Educação, Mendonça Filho, com o slogan de que “se a base curricular é a mesma, as oportunidades também serão”. O portal online oficial da BNCC a define como:

A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BNCC, 2017)

Há muitas controvérsias sobre a BNCC e sobre a sua aplicação, a rapidez de sua aprovação e de seus verdadeiros autores, que infelizmente não terão espaço neste trabalho. A verdade é que a BNCC está aprovada, dentro das escolas, e modelando o currículo e os Livros Didáticos, ponto chave desta pesquisa.

A BNCC visa competências, pensadas de maneiras diferentes para cada etapa da Educação Básica, como podemos observar na imagem abaixo:



Figura 2: Competências Gerais da Educação Básica pela BNCC. Fonte: MEC/2019

Na Educação Infantil, podemos encontrar a Geografia, não de maneira explícita, mas incluída em dois campos de experiência: “o eu, o outro e o nós” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”.

Tanto nos Anos Iniciais, quanto nos Anos Finais do Ensino Fundamental, o ensino de Geografia desenvolve-se em cinco Unidades Temáticas:

- O sujeito e seu lugar no mundo;
- Conexões e escalas;
- Mundo do trabalho;
- Formas de representação e pensamento espacial;
- Natureza, ambientes e qualidade de vida;

Volto a dar destaque a Unidade Temática “O Sujeito e seu lugar no mundo” do currículo do 5º do Ensino Fundamental, onde é expressa a abordagem da Unidade Federativa e das questões étnico-raciais e culturais.



Figura 3: Competências do 5º ano do Ensino Fundamental. Fonte: MEC. Imagem autoral.

Conclui-se que o estudo da Unidade da Federação, é o objeto de estudo do 5º do Ensino Fundamental, se conhecer dentro do seu espaço de vivência, do seu território, conhecer as modificações próprias, étnicas, raciais, culturais e espaciais. Reconhecer-se como Gaúcho ou como no gentílico puro, reconhecer-se como Sul-Rio-Grandense?

No Ensino Médio voltamos a perder espaço, deixamos de ter competências próprias da Geografia, e somos englobados a grande área das Ciências Humanas e Sociais aplicadas.

5. O Plano Nacional do Livro Didático

Como descrito no segundo item deste trabalho, o período das cartilhas portuguesas cessou, mas os Livros Didáticos surgiram.

Com Getúlio Vargas no poder e um nacionalismo crescente, a crise de 1929 elevando o preço das importações de livros, houve um grande incentivo para a produção didática nacional. Em 1931, o ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos, elaborou uma proposta didática de cunho nacionalista.

Assim, os Livros Didáticos começam a ser produzidos em larga escala, trazendo uma visão nacionalista, escrito por autores brasileiros essa produção ocorre principalmente após a criação de Instituto Nacional do Livro (INL). Com o decreto de Lei nº1006, de 30/12/1938, estabelece as condições de produção, importação e utilização do livro didático, “É livre, no país, a produção ou a importação de livros didáticos” (BRASIL, 1938, Art. 1), esta lei também instituiu em seu artigo 9, a Comissão Nacional do Livro Didático, que iria inspecionar os conteúdos, a qualidade e as visões que os livros produzidos transmitiam.

Com o Brasil sendo membro da Organização dos Estados Americanos (OEA) desde 1948, no ano de 1966, junto a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Nacional (USAID), o Ministério de Educação e Cultura brasileiro (MEC), criou o Colted (Comissão do livro técnico e livro didático), possibilitando recursos para a distribuição de 51 milhões de livros para o Ensino Fundamental. Uma das funções dessa comissão era o controle do conteúdo dos livros, para a propagação do plano nacionalista durante a ditadura militar.

No ano de 1967, sob a lei nº5327/67 foi criada a Fundação Nacional do Material Escolar (Fename), que produzia materiais e livros didáticos para serem distribuídos a preço de custo.

Tanto a Colted, quanto a Fename, foram políticas que se estabeleceram para alcançar os almejos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, que visava uma ampliação da rede escolar, causando um aumento no número de crianças na escola, que muitas vezes não tinham condições de pagar pelos livros, necessitando então, dessas políticas de baixo custeio de livros.

No ano de 1971, com a extinção da Colted, o INL criou o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef), também ocorreram mais dois fatos

importantes: o fim do convênio MEC/USAID e a sanção da lei nº 5692/71, que arregimentava Diretrizes e Bases para a educação de 1º e 2º grau (atual Ensino Fundamental e Ensino Médio).

Em 1976 foi a vez de extinguir a INL, de maneira que a Fename assumisse todas as responsabilidades pelo Programa do Livro Didático (PNLD). Em 1983, a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) incorporou a Fename e assumiu suas responsabilidades, entre elas o Plidef, programa este que em 1985 deu lugar ao atual Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Nos últimos 34 anos, o PNLD se firmou como uma política sólida, no ano 2000, além dos Livros Didáticos, começou a distribuir também, de maneira gratuita dicionários de Língua Portuguesa para alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Em 2003, além de contemplar o Ensino Fundamental, foi a vez da criação do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLDEM), abrangendo gradativamente todas as disciplinas.

Após o Decreto nº9099/2017 houve a unificação do Programa Nacional do Livro Didático com o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Sendo assim, atualmente a sigla PNLD refere-se a Programa Nacional do Livro e do Material Didático, assim além dos Livros Didáticos, outros materiais, assim como consta no Portal online do MEC (2019):

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. (MEC, 2019)

Atualmente a PNLD funciona em quatro ciclos diferentes: Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Cada ano um ciclo é contemplado com os Livros Didáticos, sendo assim, renovados os livros a cada quatro anos. Assim, é encaminhado para a escola através das editoras conveniadas ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o professor de cada ano/série/disciplina escolhe o Livro Didático que acreditar ser o melhor para a realidade daquela escola e com os conteúdos que procurará desenvolver nos próximos anos. Desta maneira, após a escolha do material, no próximo ano a escola é contemplada com os Livros Didáticos escolhidos, com número de um por aluno matriculado, de maneira gratuita para o mesmo.

O PNLD do ano de 2019 contemplou os professores e estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e os professores da Educação Infantil (nessa etapa os alunos não são contemplados, apenas professores), além de repor livros para os Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, também o enviar novos livros para escolas com novas matrículas. Como nos mostra o quadro abaixo, somando as etapas, foram contemplados mais de 35 milhões de estudantes, gerando um investimento de R\$1.102.025.652,17 (um bilhão cento e dois milhões vinte e cinco mil e seiscentos e cinquenta e dois reais com dezessete centavos).

Quadro 2: Orçamento do PNLD 2019

Etapa de Ensino	Escolas Beneficiadas	Alunos Beneficiados	Total de Exemplares	Valor de Aquisição
Educação Infantil	74.409	5.448.222	646.795	R\$ 9.826.136,60
Anos Iniciais do Ensino Fundamental	92.467	12.189.389	80.092.370	R\$ 615.852.107,23
Anos Finais do Ensino Fundamental	48.529	10.578.243	24.523.891	R\$ 224.516.830,94
Ensino Médio	20.229	6.962.045	20.835.977	R\$ 251.830.577,40
Total Geral	147.857	35.177.899	126.099.033	R\$ 1.102.025.652,17

Fonte: Portal do FNDE. Elaborado pela autora

Livro Didático, uma ferramenta com um grande orçamento, sua valorização e seus uso devem ocorrer, mas para isso é importante bons materiais e conteúdos para ser um recurso útil.

5.1 O Livro Didático de Geografia no 5º do Ensino Fundamental

A Geografia como disciplina escolar sofreu mudanças ao longo das últimas duas décadas. Anteriormente era ministrada dentro das aulas de Estudos Sociais,

assim como era a formação mínima necessária para professar seus conteúdos. Nos livros didáticos para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, essa mudança é presente: livros de Estudos Sociais nos anos 90, Geografia e História no início dos anos 2000 e na última década firmando-se como Livros Didáticos de Geografia.

Dentro deles, a principal referência para muitos professores, um mundo de textos, imagens, dicas, perguntas, discursos e políticas, assim como nos apresenta Gabrelon e Silva (2017)

No decorrer da sua trajetória no Brasil, o ensino de Geografia, por intermédio dos Livros Didáticos, desempenhou o papel de construir discursos sobre o país e os brasileiros e que as ideias comunicadas estavam sob o controle do Estado (GABRELON; SILVA; 2017, pág. 115)

Deixo evidente que nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, as aulas de Geografia são ministradas por Pedagogos, escolhidos por Pedagogos, não por Professores de Geografia por formação. Nos anos iniciais, a aprendizagem vai ocorrendo de forma mais lúdica, e a criança a cada ano vai identificando-se no espaço. No primeiro, segundo e terceiro ano é trabalhado a sua casa, seu bairro, a comunidade que rodeia a escola, quem não fez o clássico desenho do trajeto casa-escola destacando os pontos de referência? No quarto ano é trabalhado o município, e finalmente no quinto ano, a Unidade Federativa é tema de estudo.

Até o PNLD do ano de 2016, para os 4º e 5ºanos, o livro era reutilizável, e seguindo o critério da escola, poderiam compor sua escolha seguindo dois moldes: o primeiro com obras integradas das Ciências Humanas e da Natureza, o segundo as disciplinas dessas áreas separadas em livros de Ciências, História e Geografia, da seguinte maneira:

- Composição de escolha 1: Língua Portuguesa, Matemática, Arte, Ciências Humanas e da Natureza (obra integrada) + Livro Regional;
- Composição de escolha 2: Língua Portuguesa, Matemática, Arte, Ciências, História, Geografia + Livro Regional;

Em ambas escolhas, ainda era disponibilizado um Livro Regional, apresentando as características próprias da Unidade Federativa da escola.

A mudança na Presidência do país isso impactou diretamente nos Livros Didáticos. A PNLD de 2019, planejada durante o Governo do presidente Michel Temer, exclui de sua lista os livros regionais, e coloca no lugar os livros “Projeto integrador”.

O Governo do Brasil mudou novamente, e com o Lema “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”, o então Presidente Jair Bolsonaro assumiu o governo do país com uma forte política nacionalista, provavelmente a queda dos livros regionalistas continuará.

6. Análise os Livros Didáticos

A partir do que já foi visto até aqui, realizei a busca dentro dos Livros Didáticos partindo da pergunta: o que caracteriza o gaúcho? Para isso utilizei um Livro Didático Regional mais antigo, do PNLD de 1998, três Livros Didáticos Regionais da última década, do PNLD referentes aos anos de 2010/2011/2012, 2013/2014/2015 e 2016/2017/2018, além de três livros de Geografia do PNLD de 2019, sob a nova lei. O critério para escolha dos livros foi a disponibilidade dos mesmos nas bibliotecas das escolas visitadas, livros estes, planejados nos quadros abaixo:

Quadro 3: Livros Regionais

Título	Autor	Editora	Ano da PNLD	Disciplina
Conhecendo o Rio Grande do Sul	Luís Moraes Koteck	Editora Ática	1998	Estudos Sociais
Rio Grande do Sul	Igor Moreira	Editora Ática	2010 2011 2012	Geografia
Geografia do Rio Grande do Sul - Paisagens, Gente, Trabalho	Ana Maria Radaelli da Silva, Juçara Spinelli, Zélia Guareschi Fioreze	Moderna	2013 2014 2015	Geografia
Rio Grande do Sul - Geografia História, Arte e cultura	Igor Moreira Ricardo Fitz	Editora Positivo	2016 2017 2018	História e Geografia

Elaborado pela autora, 2019

Quadro 4: Livros de Geografia do PNL D 2019

Título do Projeto	Autor	Editora
Aprender Juntos	Leda Leonardo da Silva	Edições SM
Ligamundo	Elian Alabi Lucci Anselmo Lázaro Branco	Editores Saraiva
Novo Pitangüá	Rogério Martinez Wanessa Garcia	Editores Moderna

Elaborado pela autora, 2019

6.1 Os Livros Regionais

Seguindo a ordem cronológica, iniciarei com o Livro Didático **Conhecendo o Rio Grande do Sul**, de Luís Moraes Koteck, publicado pela Editora Ática no PNL D de 98. É um livro da extinta disciplina de Estudos Sociais, seu autor, na época de publicação tinha como formação a Licenciatura em Estudos Sociais pela PUC-RS. Na capa do livro, a figura de um homem, pilchado, montado em um cavalo, a clássica definição de um gaúcho:

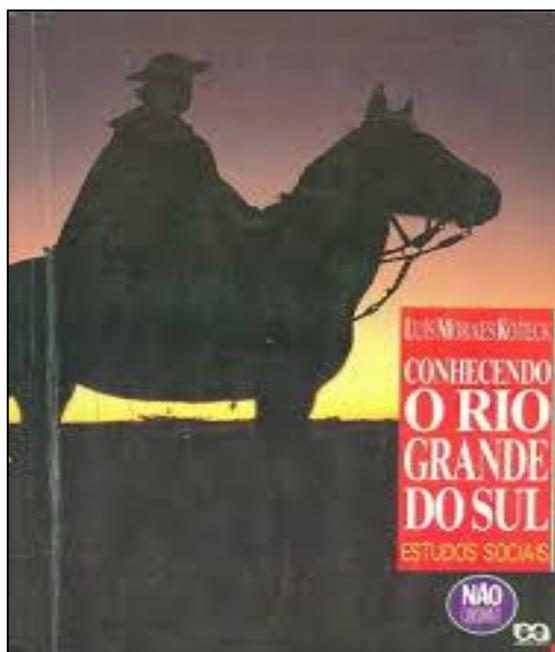


Figura 4: Capa do Livro Didático Conhecendo o Rio Grande do Sul. 1998

Logo após, na primeira página do Livro, rodeado pela ilustração de laço 4 tentos

(utilizado para contagem de animais), está a apresentação do livro, junto a ilustração do Monumento Laçador, de vinhedos, do Pôr do Sol e Ponte do Guaíba, juntamente a lavouras de arroz, a pecuária e o cavalo, finalizando com a ilustração do chimarrão.



Figura 5: Apresentação do Livro “Conhecendo o Rio Grande do Sul”, de 1998

Ressalto aqui, que além das ilustrações, no segundo parágrafo da apresentação, é falado em Tradições, não em cultura, e sobre uma história de orgulho que deve ser perpassada:

Nosso estado, o Rio Grande do Sul, é um desses lugares bem característicos, além dos aspectos físicos da terra que vivemos, temos tradições que são importantes para nós, uma história da qual muitas vezes nos orgulhamos e que queremos fique conhecida por nossas crianças (KOTECK, 1998, pág. 3)

A Unidade III do livro, nomeada como “Cultura e Folclore do Rio Grande do Sul”, inicia com um texto que traz como título “Sou Gaúcho, sim senhor”, e com o seguinte texto:

O gaúcho é o tipo característico da Campanha. Ele cuida do gado e da agricultura. Por estar ligado ao campo e por ser ótimo cavaleiro, o termo gaúcho virou sinônimo de peão campeiro. Hoje, gaúcho é como se chama quem nasce no Rio Grande do Sul. (KOTECK, 1998, pág. 100)

Após, o texto segue trazendo as roupas do gaúcho, quando ele se veste a rigor e a explicação de cada veste: Chapéu de aba larga, barbicacho, camisa de pano, lenço de pescoço, guaiaca, chiripá, botas com esporas, tirador, bombacha, poncho e pala.

Na próxima página, o livro traz a definição de gaúcho similar com a do item dois deste trabalho, mas com um final diferente, “Depois da Revolução Farroupilha, o gaúcho passou a ser considerado homem digno, bravo, destemido e patriota. Aos poucos, passou a identificar os filhos do Rio Grande do Sul” KOTECK (1998), um final romantizado e trazendo uma ideia honrosa da Revolução Farroupilha.

Ao final da unidade III, a obra apresenta os hábitos dos gaúchos:

Ser hábil no uso do laço [...] ser condutor do gado ou tropeiro [...] fazer do cavalo um companheiro [...] ser ágil no uso das boleadeiras [...] apreciar um bom churrasco [...] saborear o chimarrão [...] acender fogo de chão no galpão das estâncias. (KOTECK, 1998, pág. 103 e 104).

Barbosa Lessa falava de uma educação que aproximasse a realidade do aluno, dentro da realidade da maioria dos gaúchos, urbanos, só apreciam o churrasco e o chimarrão. Podem ser hábitos dos gaúchos, mas não dos atuais, nem dos de 1998, ano que o Livro Didático foi escrito.

O segundo livro analisado de nome Rio Grande do Sul, do autor Igor Moreira, lançado pela Editora ática, é do PNLD de 2010/2011/2012, ano que ocorria a mudança no Ensino Fundamental de séries para anos, mudança destacada na capa do Livro Didático, onde a 4º série agora passaria a ser o 5º ano do Ensino Fundamental. A capa desta vez não apresenta apenas o elemento do gaúcho em seu cavalo, mas também a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, a colheita da uva e a Praia da Guarita.

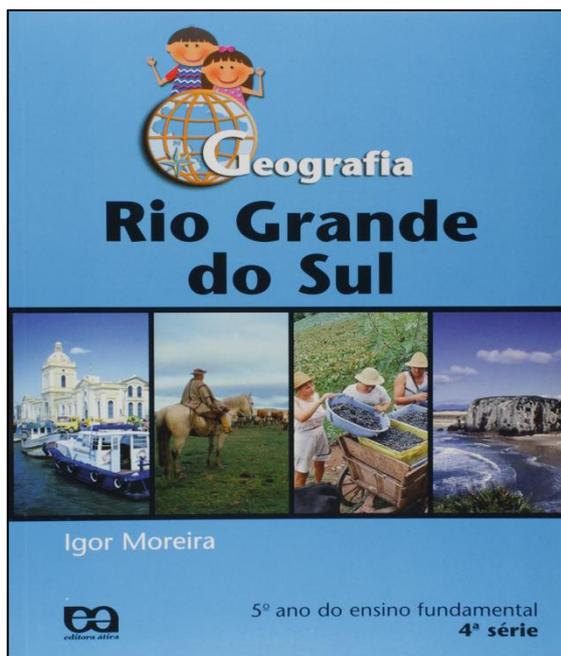


Figura 6: Capa do Livro Didático Rio Grande do Sul, do PNLD 2010/11/12.

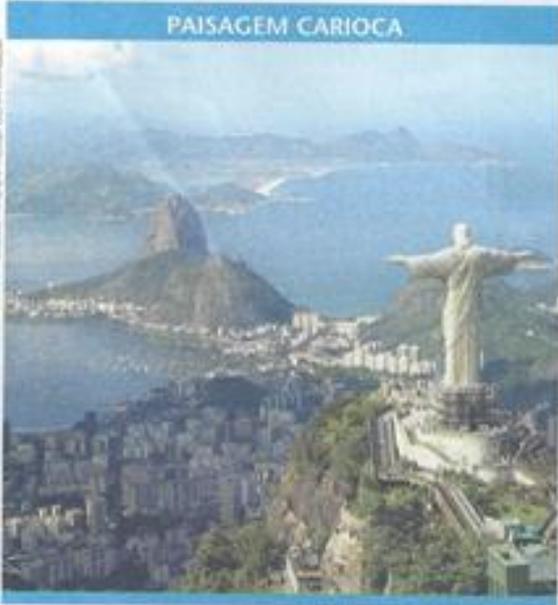
A página de apresentação não traz elementos tradicionalistas, e em seu texto traz questionamentos para as crianças, e refere-se aos habitantes do Rio Grande do Sul não como gaúchos, mas como Rio-Grandenses.

Você sabia que há rio-grandenses que falam alemão? E outros falam italiano? Onde e por que isso acontece? Por que há lugares onde a maioria das pessoas tomam chimarrão diariamente, enquanto em outros lugares isso quase não acontece? (MOREIRA, 2010, pág. 3)

A falar de paisagem, o livro inicialmente traz duas imagens, nomeadas como Paisagem Carioca, da cidade urbanizada, e da Paisagem Paulistana aparecendo prédios e carros. Na próxima atividade apresenta quatro imagens de paisagem do Rio Grande do Sul: três de paisagens naturais, para uma urbana, favorecendo o estereótipo gaúcho de homem do campo ao comparar as capitais Rio de Janeiro e São Paulo com cidades do interior do Rio Grande do Sul, e uma paisagem de Porto Alegre onde aparece apenas pessoas caminhando em uma rua histórica.

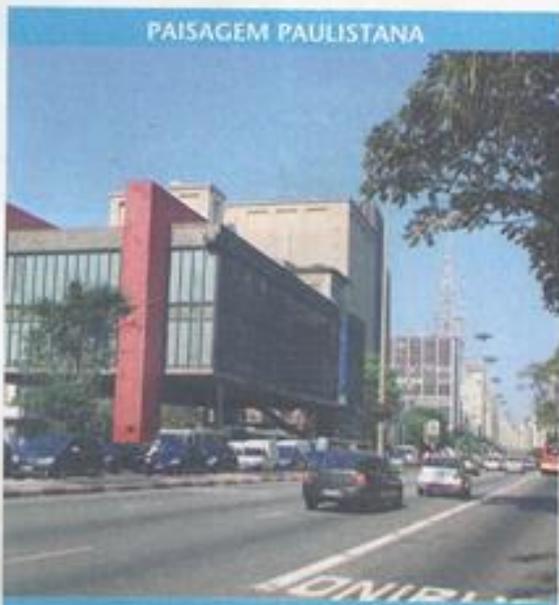
1 Observem nas imagens abaixo que a palavra *paisagem* aparece acompanhada de uma outra:

PAISAGEM CARIOCA



O Pão de Açúcar e o Corcovado são identificadores da cidade do Rio de Janeiro. Foto de 2005.

PAISAGEM PAULISTANA



A avenida Paulista é uma das ruas mais famosas da cidade de São Paulo. Foto de 2007.

Figura 7: Paisagem Carioca e Paulistana no Livro Didático “Rio Grande do Sul”, 2010

2 Converse com seu colega e escolham juntos o melhor título para cada imagem a seguir. Escrevam no caderno os títulos escolhidos.



Vinhedos em Bento Gonçalves, no interior do Rio Grande do Sul. Foto de 2008.



O litoral gaúcho é formado por uma extensa e larga planície arenosa. Na foto, vegetação em dunas na praia do Cassino, no município de Rio Grande, em 2003.



Rua dos Andradas, conhecida como rua da Praia, no centro de Porto Alegre. Foto de 2004.



Ainda hoje as áreas de campo no Rio Grande do Sul são aproveitadas para a criação de gado. Na foto, rebanho em Barra do Quaraí, em 2004.

Figura 8: Paisagens do Rio Grande do Sul no Livro Didático “Rio Grande do Sul”, 2010

Ao falar do Gaúcho a obra traz uma versão mais romantizada, não traz o gaúcho original como ladrão de gado, mas como alguém ‘sem emprego fixo’:

A figura do gaúcho, descende de indígenas e portugueses ou espanhóis, sempre montado num cavalo, surgiu com a atividade pastoril, especialmente na região da Campanha. No início, a palavra gaúcha designava o homem sem emprego fixo, que percorria os campos e trabalhava por tarefa nas fazendas. Ao tornar-se trabalhador fixo, a palavra passou a indicar todo homem da estância que lida com o gado. Bem mais tarde, todos os nascidos no Rio Grande do Sul passaram a ser chamados de gaúchos. Muitas pessoas fazem uma ideia fantasiada do gaúcho. Na verdade, a maioria dos gaúchos de antigamente levava uma vida difícil e muitos deles não tinham botas. (MOREIRA, 2010, pág. 107 e 108)

Mesmo com a referência à versão criada das roupas dos gaúchos, a atividade após o texto solicita informações sobre o Gaúcho Tradicional:

Em grupo

- 1 Forme um grupo com quatro ou cinco colegas e façam um cartaz com imagens e textos sobre o gaúcho tradicional.
- 2 Pesquisem o modo de vida, os hábitos, os costumes (músicas, danças, pratos tradicionais, vestimentas, lendas, etc.).
- 3 No dia marcado, apresentem o que vocês fizeram e conversem sobre os cartazes.

Figura 9: Trabalho em grupo após o texto explicando o termo “gaúcho” no Livro Didático “Rio Grande do Sul”, 2010

O terceiro livro é uma obra do PNLD dos anos 2013/2014/2015, intitulada “Geografia do Rio Grande do Sul: Paisagens, gente, trabalho”, das escritoras Ana Maria Radaelli da Silva, Juçara Spinelli e Zélia Guareschi Fioreze, publicado pela Editora Moderna. Em sua capa, três paisagens: Aparados da Serra, o Pampa Gaúcho e a cidade de Porto Alegre.

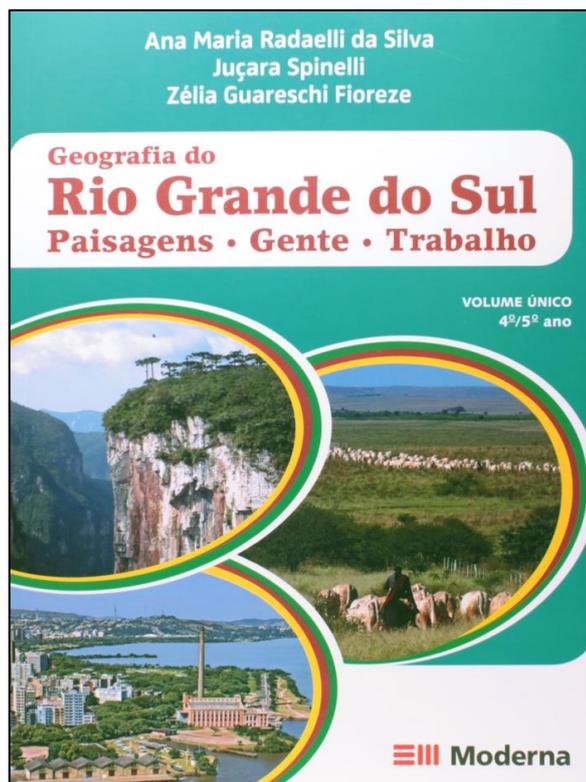


Figura 10: Capa do Livro Geografia do Rio Grande do Sul, 2013.

No seu capítulo sete, intitulado Gente Gaúcha, é apresentada uma imagem de pessoas assistindo a um show, nela não é apresentado nenhuma caracterização clássica do gaúcho com as vestimentas tradicionais.



Figura 11: Imagem intitulada Gente Gaúcha, no Livro Didático Geografia do Rio Grande do Sul, 2013.

Para responder à pergunta “Quem é o Gaúcho”, a obra apresenta a história similar a apresentada na segunda parte dessa pesquisa, além de ser o primeiro Livro Didático que ao citar os CTGs influi a pensar num personagem de gaúcho idealizado.

Gaúcho é todo e qualquer habitante do Rio Grande do Sul. Até meados do século XIX a denominação de gaúcho era depreciativa, atribuída aos aventureiros, ladrões de gado, assaltantes de estâncias e vagabundos, pois andavam vagando pelos campos [...] Apesar de ter sido utilizado de forma depreciativa, os próprios habitantes passaram a adotá-lo. Isso ocorreu quando os valores culturais tomaram outro significado e o termo passou a ser utilizado também, para denominar um tipo folclórico e um conjunto de tradições difundido pelo movimento cultural dos CTGs (SILVA; SPINELLI; FIOREZE; 2013, pág. 130 e 131)

Ao encerrar o assunto sobre o Gaúcho, o livro apresenta um trecho do livro Rio Grande do Sul, terra e povo, de Érico Veríssimo, que relata a mistura étnica e cultural presente no estado.

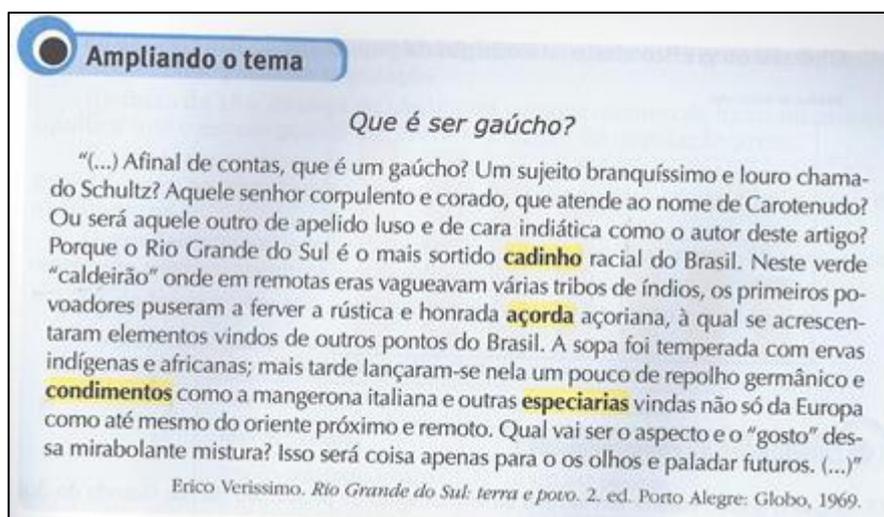


Figura 12: Definição de Gaúcho segundo Érico Veríssimo, presente no Livro Geografia do Rio Grande do Sul, 2013

A quarta e última obra regional analisada é intitulada Rio Grande do Sul: Geografia, História, Arte e Cultura, dos autores Igor Moreira e Ricardo Fitz, publicada pela Editora Positivo, pertencente ao PNLD 2016/17/18.



Figura 13: Capa do Livro Didático Rio Grande do Sul: Geografia, História, Arte e Cultura, 2016.

É o primeiro Livro Didático com a capa neutra, confesso que no monte de livros pertencentes a essa pesquisa, ignorei o fato dele ser um livro regional pelo fato de ter apenas a ilustração de crianças e o título do projeto na capa, nada de chimarrão, nada de gaúcho no cavalo.

Minha surpresa com esse livro não parou por aí, logo na apresentação, reconheço o texto, é o mesmo do livro da Editora Ática, do PNLD 2010/11/12, em que Igor Moreira também era autor, a única mudança é o uso do Tu no lugar do Você.



Figura 14: Apresentação do Livro Didático Rio Grande do Sul: Geografia, História, Arte e Cultura, 2016.

As semelhanças não param por aí, a atividade da paisagem também é uma das que se repete, desta vez, além da paisagem carioca, uma paisagem baiana, ambas mostrando pontos turístico e a presença de grandes construções, e na página ao lado, as paisagens do Rio Grande do Sul, novamente: Vinhedos, Praia da Guarita, rebanho bovino e pessoas caminhando na Rua da Praia.



Figura 15: Paisagem Carioca e Paisagem Baiana no Livro Didático Rio Grande do Sul: Geografia, História, Arte e Cultura, 2016.



Figura 16: Paisagens do Rio Grande do Sul no Livro Didático Rio Grande do Sul: Geografia, História, Arte e Cultura, 2016.

Mas nem tudo é igual a obra de 2010, há uma grande diferenciação ao falar do gaúcho, “A imagem do gaúcho difundida para fora do estado é de um determinado tipo humano, forjado na tradição pastoril da Campanha, o que lhe incutiu certos hábitos e costumes.” MOREIRA; FITZ, 2016.

Seguindo, o livro fala da necessidade da criação de uma identidade forte para o Estado:

Nas primeiras décadas do século passado, quando a República Federativa do Brasil não estava bem consolidada, era preciso reafirmar a autonomia do Rio Grande do Sul em relação ao centro do país[...] fazia-se necessário construir uma identidade cultural para os Rio-grandenses, que estivesse acima das diferenças locais de hábitos e costumes existentes no estado[...] construir uma identidade fundada a imagem de gaúcho campeiro, bravo e guerreiro, produto das frequentes disputas militares ocorridas no extremo sul do país. [...] ao consagrar um tipo humano idealizado de bota, bombacha e lenço no pescoço, como representação de todos os homens da antiga sociedade pastoril buscava-se ao mesmo tempo esconder ou omitir as desigualdades sociais existentes entre fazendeiros e peões de Estância. [...] A construção de uma identidade comum para os Rio grandenses constituiu uma tentativa de uniformizar a cultura do estado, padronizando-a no molde de um gaúcho idealizado. (MOREIRA; FITZ; 2016, pág 151 e 152).

É perceptível nessa análise cronológica dos livros, a mudança de percepção da figura do Gaúcho, do mito a história da criação.

6.2 Livros de Geografia do PNLD 2019

A PNLD mudou, e cessaram a produção do Livro Regional, junto a isso, houve a drástica diminuição do material que retrata o estado do Rio Grande do Sul. Capítulo específico não há mais, apenas englobado com Santa Catarina e Paraná. Pouco, e até nada se fala da Região Sul, menos ainda do estado.

Quadro 4: Capítulos dos Livros que apresentam o Estado do Rio Grande do Sul

Livro	Nome do Capítulo	Número de páginas destinado ao capítulo
Aprender Juntos	A Região Sul	12
Ligamundo	-	0
Novo Pitanguá	Região Sul	4

Elaborado pela autora

No primeiro Livro Didático analisado, Aprender Juntos, doze páginas são dedicadas a Região Sul, entre gráficos de população e economia, uma página dedica-se ao Rio Grande do Sul, página essa que traz o processo de arenização na Campanha Gaúcha.

No Livro Didático Ligamundo, nem do Rio Grande do Sul, nem ao menos da Região Sul o livro retrata, apenas traz uma página retratando a Região Centro Sul.

Novo Pitanguá, o último Livro Didático analisado, são quatro páginas dedicadas a Região Sul, nenhuma exclusiva ao Estado do Rio Grande do Sul.

Em nenhum dos livros a figura do Gaúcho é retratada.

7. Conclusões

Por todas as ideias apresentadas até aqui, concluo que a definição da figura do Gaúcho ainda é algo em construção. Mesmo com origem transgressora é a afirmação de um povo e de aspectos que foram aos poucos sendo aceitos pela sociedade, e hoje transpassam os limites do território do Rio Grande do Sul. A tradição Gaúcha pode ter sido inventada, mas adaptou-se a necessidade do povo de afirmação após derrotas sociais e econômicas. O tradicionalismo está tão entranhado na sociedade Sul-Riograndense, que se tornou aspecto cultural, e ignorá-la é negligenciar uma parte da história do estado.

O mito do gaúcho está decrescendo, tornando-se mais real, frente ao forte conservadorismo dos CTGs. Após o tradicionalismo dos anos 50, o nativismo dos anos 80, o Gaúcho do século XXI afirma-se nos pilares do mito tradicionalista, mas com prospecto de mudança, seus antepassados foram criados na Campanha, em rancho de barro e capim, mas o gaúcho atual é urbano e sua influência reterritorializa novos espaços.

Barbosa Lessa, principal escritor e fundador do primeiro CTG, apresentava em 1985 aspectos sobre a educação que até hoje se fazem necessários, entre eles o principal: a realidade da criança. Formar alguém com consciência do seu lugar no mundo é a chave para a mudança. A educação está em constante mudança, afetada por políticas de diversas vertentes, atualmente temos a BNCC, a LDBN 9394/96 e a PNLD, atualmente com uma forte influência nacionalista. O que nos aguarda o futuro?

Os Livros Didáticos, material disponibilizado gratuitamente para os alunos é ferramenta política e ideológica, seu estudo é fonte de conhecer os rumos desejados para a educação e para o povo brasileiro.

Ao futuro, penso que ainda temos muito a crescer quanto ao estudo da cultura de nosso estado, que deve ser abordada, não da maneira trazida pelos Tradicionalista, com todas as suas criações. Creio que a falta de presença de conteúdo sobre o Rio Grande do Sul, no material dos Livros Didáticos ocasionará ou um estudo superficial da Geografia do Rio Grande do Sul, com paisagens de pontos turísticos, ou uma crescente tradicionalista dentro das escolas, ocasionada por essa falta de materiais, dada pelo fato do professor, sem tempo para planejamento na maioria das vezes, se vê frente a um conteúdo e se não saber como passar, vai chamar aquele que acredita saber, logo o gaúcho do CTG, figura que aprendeu como

sendo o verdadeiro gaúcho. Se faz necessário um real estudo da cultura regional dentro dos cursos de graduação, para assim, alcançar um equilíbrio, mostrar a cultura gaúcha em todos os seus aspectos, estudar a realidade atual para entendê-la e, se necessário, mudá-la.

Ao final desse trabalho posso dizer o quanto aprendi, e o quanto mais me encantei pelo tema. Pensar o Gaúcho e o Tradicionalismo me fez refletir primeiramente sobre o Ensino de Geografia, sobre tudo o que aprendi no Ensino-Básico e tudo que irei ensinar, sobre todos os saberes aprendidos com meus professores, a qual dava como corretos e que se desvencilharam da realidade, me fez refletir sobre a influência que temos em sala de aula e me preocupa quanto aos rumos educacionais do país.

8. Referências

14ª JORNADA DO NÚCLEO DE ENSINO DE MARÍLIA, 2015, Marília. **DOS TEMPOS IMPERIAIS AO PNLD: A PROBLEMÁTICA DO LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL.**

Marília: Unesp, 2015. 12 p. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/jornadadonucleo/dos-tempos-imperiais-ao-pnld--a-problematICA1.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

AZEVEDO, Rodrigo. **A história da Educação no Brasil: uma longa jornada rumo à universalização.** 2018. Disponível em:

<<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-historia-da-educacao-no-brasil-uma-longa-jornada-rumo-a-universalizacao-84npcihyra8yzs2j8nnqn8d91/>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

BAITACA. Fundo da Grota. Gravadora Vozes: 2001.

BELTRÃO, Tatiana. **Reforma tornou ensino profissional obrigatório em 1971.**

2017. Agencia Senado Federal. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/03/03/reforma-do-ensino-medio-fracassou-na-ditadura>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971.**

Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

_____. Câmara dos Deputados **LEI DE 15 DE OUTUBRO DE 1827.** Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html>. Acesso em: 24 nov. 2019.

_____. Congresso. Câmara dos Deputados. **Decreto Lei Nº 1.006, de 30 de Dezembro de 1938.** Rio de Janeiro, Disponível em:

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

_____. Presidência da República . **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL DE 16 DE JULHO.** Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 24 nov. 2019.

_____. Senado Federal. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2019.

EDUCAÇÃO, Ministério da. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2019.

_____, Ministério da. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fbz-cpct1W4>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

FAGUNDES, Antônio Augusto. **Curso de tradicionalismo gaúcho**. Martins Livreiro Ed 1997

FILGUEIRAS, Juliana Miranda. **As políticas para o livro didático durante a ditadura militar: a COLTED e a FENAME**. História da Educação 19.45 (2015): 85-102.

FONSECA, Glaucus Saraiva da. **Carta de Princípios**. 1961. Disponível em: <https://www.mtgrs.ubtg.com.br/documentos/17/20190831010337_3431.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2019.

GABRELON, Anderson; SILVA, Jorge Luiz Barcellos da. Livro Didático: suas funções e o ensino de Geografia. In: TONINI, Ivaine Maria; GOULART, Ligia Beatriz; SANTANA FILHO, Manoel Martins de; MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski ; COSTELLA, Roselane Zordan. **O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2017. p. 113-134.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Nativismo: um fenômeno social gaúcho**. L&PM Editores, 1985.

_____, Luiz Carlos Barbosa. **O sentido e o valor do tradicionalismo.** 1954. Disponível em: <https://www.mtgrs.ubtg.com.br/documentos/17/20190828205143_3271.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.

MENDONÇA, P. de F. Pajador do Brasil: estudo sobre a poesia oral improvisada. **Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2009.**,

MEIER, Augusto. **Gaúcho:** História de uma palavra. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1957.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação.** Editora Vozes, 2006.

RS, G1. **Quase 40% dos CTGs estão fora do RS; confira mapa do tradicionalismo.** 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/semana-farrroupilha/2015/noticia/2015/08/quase-40-dos-ctgs-estao-fora-do-rs-confira-mapa-do-tradicionalismo.html>>. Acesso em: 02 set. 2019.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul.** Brasília: Senado Federal, 202. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SANTA MARIA, Prefeitura Municipal de. **60º Congresso Tradicionalista Gaúcho, a partir de sexta (6), transforma Santa Maria na Capital do Tradicionalismo.** Disponível em: <<https://www.santamaria.rs.gov.br/noticias/5965-60o-congresso-tradicionalista-gaucha-a-partir-de-sexta-6-transforma-santa-maria-na-capital-do-tradicionalismo>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

SANTI, Álvaro. **Do Partenon à Califórnia: o nativismo e suas origens.** UFRGS Editora, 2004.

SILVA, Raquel Padilha da. A INSTRUÇÃO NO IMPÉRIO E NO RIO GRANDE DO SUL. **Biblos**, Rio Grande, v. 19, p.83-94, 2006. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/06/pdf_5dfef891b2_0010995.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2019.